

ISMAEL DE LIMA COUTINHO

**A desinência do acusativo do singular
no Indo-Europeu**

Separata da revista

“ROMANITAS”

ANO II — VOL. 2

RIO DE JANEIRO

BRASIL

A desinência do acusativo do singular no Indo-Europeu

ISMAEL DE LIMA COUTINHO
Professor Catedrático da Faculdade de
Filosofia da Universidade de Niterói.

Muito se tem escrito sobre a origem da desinência do acusativo do singular no indo-europeu. Há um ponto, entretanto, em que todos estão de acôrdo: é que se trata de uma consoante nasal. Mas qual será: *-m* ou *-n*? Em tôrno da resposta a essa questão, é que giram ou giraram sempre as controvérsias. O simples recurso às línguas indo-européias não é suficiente para dirimir as dúvidas, uma vez que lavra divergência entre elas. Para umas, a desinência é *-m*; para outras, *-n*.

É coisa sabida que o *-m* e o *-n* do indo-europeu tiveram tratamento diferente nas várias línguas da grande família, segundo se achavam no início ou no interior dos vocábulos. Quando finais, todavia, se observa nelas tendência para lhes dar um tratamento uniforme. (1)

Assim, o grupo itálico e o sânscrito representam a desinência do acusativo por *-m*: lat.: *rosa-m*, *lupu-m*, *turri-m*, *manu-m*, *die-m*; osc.: *touta-m* "cidade", *húrtú-m* "jardim", *slagi-m* "região"; umbr.: *kletra-m* "liteira", *poplo-m* "povo", *uve-m* "ovelha"; sânscr.: *ácva-m* "égua" *vrka-m* "lôbo", *matí-m* "mente".

Já o grego e as outras línguas têm para desinência desse caso *-n*: gr.: *χώρα-ν* "região", *λόγο-ν*, "palavra", *πόλι-ν* "cidade". Seja dito de passagem que algumas, em sua fase moderna, já não o conservam, em consequência do desgaste fonético. Dêsse grupo faz parte o germânico que o mantém apenas nos monossílabos, assim mesmo só depois de vogal breve. (2)

(1) — cf. MEILLET - VENDRYES — *Traité de Gramm. Compar. des Lang. class.* 2^e ed., Paris, Champion, 1948 p. 147.

(2) — KRAKE, H. — *Indogerm. Sprachwiss.* Berlin, Samml. Göschen, 1948, p. 74.

(4) — PISANI, VITTORE — *Glottologia indoeuropea*. 2^a ed. TORINO, 1973, p. 51.

(5) — GRANDGENT, C. H. — *Introduction al latin Vulgar*, trad. esp Madrid, 1928, p. 196-8.

(6) — PISANI, VITTORE — *Geolinguística e Indoeuropeu*, in "Memorie della R. Accademia Nazionale dei Lincei" série VI, vol. IX fasc. II, Roma, 1940, p. 338.

Nêle igualmente se acha incluído o lituano, mas é mister assinalar que o *-n*, antes de cair, nasalou a vogal anterior, nasalização que depois desapareceu, não obstante ter deixado vestígios na grafia atual: **ulquo-m* "lôbo" > lit.: *vilka-m* > *vilka*.⁽³⁾ Mais além foi o velho búlgaro, que não eliminou somente o *-n* mas tôdas as consoantes finais. Fato idêntico geralmente se verifica também nas línguas eslavas. ⁽⁴⁾

Do que fica dito se conclui quanto foi precária a sorte das nasais finais nas línguas indo-européias. Nem se julgue que o latim constitua uma exceção. Não foi, do mesmo modo, isento de vicissitudes o destino das nasais na língua de Cícero. Comprova-o o *-n* que caía depois de *-ō*: **homōn* > *homō*, **sermōn* > *sermō*. Quanto ao *-m*, era às vêzes omitido nas antigas inscrições: *bonoro optumo fuisse viro* (= *bonorum optimum fuisse virum*). (C.I.L., 1², 9). E, se depois conseguiu impor-se, o que se observa na língua clássica, deve-se o fato à reação culta. Ainda assim, nunca foi bem clara a sua pronúncia em tal posição. É o que nos diz Quintiliano: "*etiamsi scribitur, parum exprimitur.*" (*Instit. Orat.*, IX, 4, 40). Ao testemunho do afamado mestre de retórica se pode juntar o do gramático Prisciano: "*M obscurum in extremitate dictionum sonat.*" (*Gramm. Lat.*, II, 29, 15 K). Na poesia, elidia-se antes de palavra começada por vogal, ainda no tempo de Augusto. No latim vulgar, desapareceu, só deixando vestígios nos monossílabos. ⁽⁵⁾

A opinião de Pisani, favorável ao *-m* originário, baseada na teoria neolingüística de Bartoli acêrca das áreas isoladas, não satisfaz, porquanto nada se sabe, nem êle nada nos diz sôbre a realidade lingüística dessas áreas, ao tempo em que se teria operado a distinção de tratamento da nasal, que constitui o objeto de nosso estudo. ⁽⁶⁾

A questão parece hoje definitivamente encerrada. A desinência indo-européia do acusativo era, tudo o indica, a nasal

(3) — KRAKE, H. — *op. cit.* p. 75.

(4) — PISANI, Vittore — *Glottologia Indeuropa*. 2^a ed. Torino, 1949 p. 51.

(5) — GRANDGENT, C. H. — *Introduction al latin Vulgar*, trad. esp Madrid, 1928, p. 196-8.

(6) — PISANI, Vittore — *Geolinguística e Indeuropa*, in "Memorie della R. Accademia Nazionale dei Lincei" série VI, vol. IX fasc. II, Roma, 1940, p. 338.

-m ou -m (7) O latim, que sob tantos aspectos se mostra uma língua inovadora, revelou-se, nesse ponto, a par do sânscrito, um idioma conservador.

Para nos convenceremos da verdade dessa tese, basta atentarmos para o tratamento que dispensam as línguas indo-européias à nasal -n, — referimo-nos àquelas que o apresentam no acusativo —, quando êle se acha no interior do vocábulo, o que pode ocorrer na derivação e na composição.

Sirva-nos de exemplo a palavra indo-européica para designar *terra*. O latim não conservou a forma que corresponde ao grego e ao alemão *Erde*, em compensação, porém, teve *humus*, provavelmente de tema consonântico **hum-*, superado por *terra*, que está exuberantemente documentada nas línguas românicas: port. *terra*, esp. *tierra*, fr. *terre*, etc. (8) Não obstante isso, a vitalidade de *humus* se acha largamente atestada no próprio latim, em vários derivados e compostos: *humo*, *as*, *are*, *humatio*, *inhumo*, *as*, *are*, *inhumatio*, *humilis*, *humiliter*, *humilio*, *as*, *are*, *humilitas*, *humiliatio*. (9)

A forma grega, relacionada etimologicamente com a latina *humus*, é *χθών*, com -v. Desta se derivou o adjetivo *χθαμαλός*, em que a nasal final -v se acha representada medialmente por -μ. Alternando com *χθών*, há o antigo *χαμά*, cujo locativo *χαμαί*, equivalente ao latim *humī*, se manteve no grego clássico. Ainda aqui, -v corresponde a -μ. Em outras línguas indo-européias, pertencentes ao grupo das que representam ou representavam a desinência do acusativo por —n, o mesmo fato se verifica: gót. *guma*, v. lit. *žmuõ* v. pruss. *smoy* "homem". (10)

Observação idêntica se pode fazer com referência a alguns nomes de números. O numeral cardinal *um*, *uma*, é em grego *εἷς*, *μία*, *ἕν*. Derivam-se estas formas da raiz indo-européica **sem-* ou **sm*. Pela queda da sibilante inicial, fato comum

(7) — HERMANN, E. — *Zeitschrift für vergleich. Sprachforsch.* Göttingen, XLI, p. 16 e segs.

(8) — MEYER-LÜBKE — *Rom. Etymol. Wörterb.* 3. Aufl., 1935, p. 718

(9) — ERNOUT-MEILLET — *Dictionn. Etym. de la Langue Latine* 3^e ed. Paris, Klincksieck, 1951, p. 538.

(10) — PORZIG, W. — *Die Glieder. der Indogerm. Sprachwiss.*, Heidelberg, 1954 p. 80.

na fonética grega, **sem-* reduziu-se a **em-*, que deu *sem* desinência, o numeral neutro grego *έν*; com a desinência *-s*, o masculino *είs*. O feminino *μία* provém de **sm-* com o sufixo *-ia* e aférese igualmente do **s-*. No armênio se encontra a forma *mi*, equivalente à feminina grega *μία*, no tocário A *som*, no B *semo*. Em todos os exemplos citados, aparece a nasal medial *-m-* em línguas em que a nasal final era *-n*.

Um argumento a mais para corroborar a tese de que a nasal originária era *-m*, não *-n*, é-nos ministrado pelo tratamento que o grego dava ao final verbal, indicativo da primeira pessoa do singular. Enquanto a desinência primária **-mi* era conservada intacta, no grego, em certas classes de verbos (*είμί*, *δίδωμι*), a secundária **-m* passava a *-n* *έλυον*, (*έφερον*). No latim entretanto, elas se confundiram numa só: *-m* (*sum*, *eram*).

Aos argumentos de ordem fonética, que já não deixam margem a controvérsia, se juntam as opiniões dos grandes mestres, alguns, consagrados indo-europeístas, que são hoje unânimes em declarar-se favoráveis à tese do *-m* originário.

Ouçamos o seu testemunho:

“Das Formans war uridg. *-m* postsonantisch, *-m* postkonsonantisch.” (11)

“Im Auslaut geht der labiale Dental (*m*) gern in den Dentalen über, so in Griech., in Deutschen *Faden* < *fadam*, Alt-preuss. und Air., Alb., *Frz.* (*rien* = l. *rem*)”. (12)

“Auslautendes idg. *-m* wurde zu *v*, z. B. Akk. Sg. idg. **ékuom* (ai. *ásvam*, lat. *equom*) = gr. *ίππον* “Pferd”... (13)

“Als indogermanische “Kasussuffixe” setz man (abgesehen von den besondern Formen der Neutra; s. u. S. 580 f.) an: Sing. Nom. *-s* (nicht durchgängig), Akk. *-m* (nach Vokal) bzw. *-m* (nach Konsonant)”... (14)

(11) — BRUGMANN, Karl — *Grundriss der vergleich. Gramm. der Indogerm. Sprachen*, II, 2, Teil 1, Strassburg, 1911, p. 137.

(12) — HIRT, H. — *Indogerm. Gramm.*, I, Heidelberg 1927, p. 199.

(13) — KRAKE, H. — *Indogerm. Sprachwiss.*, Berlin, Samml — Göschen, 1948, p. 73.

(14) — SCHWYZER, Ed. — *Griech. Gram.*, 2. Aufl, erst. Band. München, 1953, p. 547.

“Final μ becomes ν . Acc. Sing. ending $-\nu =$ L. $-m$ Sk. $-m$ ”. (15)

“Il fatto che η e m rappresentanti vocalizzazioni di ν e μ appaiono in greco, come si é detto, come α ($\alpha\nu$ e $\alpha\mu$ avanti vocale) ci spiega l’alternanza nelle desinenze di accusativo singolare, (da m) *dopo consoante* e $-\nu$ (da m) *dopo vocale*” . . . (16)

“Nun ist es leicht zu beweisen, dass $-m$ tatsächlich das Ursprüngliche ist.” (17)

Em conclusão, já não resta a menor dúvida de que a desinência do acusativo, no indo-europeu,, era $-m$. O $-n$, que aparece no grego e nas outras línguas, é o resultado de uma modificação fonética, que provavelmente remonta à época em que se mantinha ainda unida a grande comunidade indo-européia.

(15) — BUCK, B. D. — *Comparat. Gramm. of Greek and Latin*, Chicago, 1937, p. 156.

(16) — PISANI, Vittore — *Gramm. della Ling. Greca Antica* — 2ª ed Milano p. 26.

(17) — PÖRZIG, W. — *Die Glieder. des Indogerm. Sprachgeb.*, Heidelberg. 1954, p. 80.